

O amigo a quem Deus chamou

Odilon Nogueira de Matos

Uma agradável conversa com Flávio da Silva Fernandes ao anoitecer do sábado 21 de junho último foi subitamente interrompida pela campainha do telefone. Era Lycurgo de Castro Santos Filho que, abaladíssimo, me comunicava o falecimento, naquela tarde, de Hilton Federici, um dos nossos melhores amigos e companheiros. A emoção, que chegou às lágrimas, embargou a conversa nas duas pontas do fio. E preparamo-nos para a dura realidade. Amigo e companheiro de quase quarenta e cinco anos (e de Lycurgo mais ainda, pois foram contemporâneos, há mais de meio século, no tradicional Colégio São Joaquim, de Lorena), este cruzeirense que há mais de trinta anos fixou-se em Campinas e tornou-se mais campineiro que quantos aqui nasceram, deixou à comunidade magnífica folha de serviços, pois durante vinte anos ilustrou a cadeira de Geografia de nosso «Culto à Ciência», lecionou também e quase por igual tempo na Universidade Católica e era um dos mais destacados elementos de nossa Academia Campinense de Letras, dos mais assíduos e dos mais defensores da dignidade acadêmica. Devo-lhe minha recepção no sodalício campineiro e no discurso que então proferiu externou o sentido de uma amizade leal e sincera que vinha dos bancos universitários.

Conhecemo-nos, de fato, em 1936, quando, apenas chegado a São Paulo, inscrevi-me ao concurso vestibular para o curso de Geografia e História da então novel Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Por uma coincidência feliz, inscrevemo-nos no mesmo momento, recebidos ambos pela figura encantadora do saudoso Ruy Bloem. Naquela Faculdade, Hilton Federici encontraria, logo no início do curso, a compa-

nhreira que o seria por toda a vida, na pessoa de nossa querida colega Maria Ferrante, vinda de Cajuru, mas formada pela tradicional Escola Normal de Casa Branca, e que arribara a São Paulo pouco antes de nós, para cursar a mesma Faculdade.

Concluído o curso, separamo-nos pelas contingências da vida, só nos reencontrando vinte anos depois quando vim para Campinas a fim de lecionar na Universidade Católica, onde Hilton também lecionava. Antes de fixar-se nesta cidade, perambulou por algumas outras, no exercício de sua profissão. Daqui nunca mais quis sair, embora não lhe faltassem o apelo e a tentação das cidades maiores. Mas nunca esqueceu a sua Cruzeiro, da qual tornou-se o historiador por excelência, com numerosos trabalhos publicados sobre a importante cidade do Vale do Paraíba, que passou a produzir depois que a aposentadoria do ensino secundário lhe permitiu dar asas ao espírito de pesquisa para a qual, desde os bancos acadêmicos, sempre se sentiu vocacionado. Participante ativo de frequentes congressos e simposios de História, a eles comparecia sempre com algum trabalho e sempre em companhia de Lycurgo de Castro Santos Filho, dupla a que todos os congressistas e simposiastas já haviam se habituado.

Popularíssima figura de nossa cidade (pois rara a casa de Campinas onde alguém não tivesse sido seu aluno), deixa um vazio incomensurável na vida cultural campineira, mas sobretudo no coração de seus amigos. Hilton Federici merece um necrológio que escape aos limites desta nota. Pretendo fazê-lo oportunamente em outro local. Por ora, esta ligeira evocação, ainda embargada pela emoção, reflexo de uma amizade de quase meio século.

Correio Popular - 4 VII - 1980